



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

CONTRIBUTOS PARA A COMPREENSÃO DOS
DESAJUSTAMENTOS ERÓTICOS E SUAS
IMPLICAÇÕES NA SEXUALIDADE DO CASAL

LEONOR FIGUEIREDO GODINHO

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ANA CARVALHEIRA DOS SANTOS

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA ANA CARVALHEIRA DOS SANTOS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Ana Carvalheira dos Santos, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à pessoa que mais me ajudou ao longo de todo este processo, a Professora Ana Carvalheira. Ajudou-me a pensar o meu trabalho, suportou as minhas dúvidas, apoiou-me nas minhas loucuras e travou, sensatamente, algumas delas. Principalmente, não deixou nem por um minuto de acreditar no meu trabalho e por isso estou-lhe muito grata. Sem ela este tema não existiria sequer, pois foi nos seus trabalhos anteriores e correntes e nas nossas conversas que me inspirei e me apaixonei pelo tema do erotismo. Penso que todos na vida temos mentores e ela, sem dúvida, é uma para mim. Para além de ser uma das melhores profissionais que conheço, é uma pessoa fantástica e espero que este trabalho nos traga outros em comum ou, pelo menos, uma amizade e respeito para a vida.

Um dos grandes problemas (ou não) com o qual me deparei quando comecei a trabalhar na minha dissertação sobre erotismo foram as grandes dúvidas das pessoas à minha volta acerca do conceito chave do meu trabalho. As dúvidas dividiam-se em vários grupos: os que não sabiam exactamente o que é o erotismo e queriam uma definição “correcta”; os que não sabiam e queriam saber a sua implicação na sexualidade ou na psicologia ou na clínica e os que não tinham qualquer ideia acerca do conceito de erotismo ou dos ramos da sexualidade (e sexologia), psicologia e/ou clínica. Por vezes encontrava, também, um grupo que se referia ou experimentava categorizar erotismo como *erotica* (referindo-se principalmente a filmes eróticos, diferenciando-os explicitamente de filmes pornográficos). Não obstante, qualquer das formas de questionamento acarretava uma – mesmo que não revelada – ideia sobre o que era o erotismo. Porque de facto todos temos uma identidade erótica, ainda que recôndita ou não mentalizada.

Muitos dos questionamentos começavam por um “Ah que interessante esse tema... E o que é que defines por erotismo?”. “O conceito de erotismo é complexo...”, começava eu, sempre receosa de dar uma definição que fosse completamente contrária à que o meu inquiridor tinha em mente. Porque é, de facto, complexo e mais do que complexo, é totalmente subjectivo. E porque não sei se eventualmente conseguirei definir erotismo, mesmo quando acabado este trabalho.

Todas estas dúvidas e questões se colocam por curiosidade, por ser um assunto controverso e não consensual mas também porque, embora presente em todos nós, o erotismo

está ainda afastado das correntes científicas, principalmente das da psicologia, e as pessoas não sabem bem o que pensar sobre ele. A todos os que conversaram comigo (amigos, família, conhecidos ou até pessoas em encontros ocasionais), que me interrogaram, que me ajudaram a pensar, que me fizeram duvidar e que me levaram ao momento presente, obrigada!

A todos os participantes no meu estudo. Eles são o princípio e o fim.

A todos os meus amigos e família que se disponibilizaram para recolher questionários, seguindo rigorosamente as instruções que lhes dei. Sem isso, não teria sido possível ter a amostra que tenho.

A todos os meus colegas de seminário de dissertação, que me ajudaram a reflectir e a construir o meu trabalho.

A todos os meus amigos, que me incentivaram e me apoiaram, principalmente à Bia, que trabalhou e pensou comigo, que me ajudou na recolha de dados, que não me deixou baixar os braços e que me disse que tinha de continuar mesmo quando não me apetecia. Essa é a verdadeira amizade.

A toda a minha família, principalmente aos meus irmãos, André e Jwana, que me ajudaram também na recolha de dados e que me apoiaram ao longo de todo este processo.

À minha querida mãe Isabel, que me apoiou nos momentos de desespero e esperança, de alegria e de tristeza, que me ajudou no recrutamento de casais, que reviu a minha dissertação e que me abraçou quando a acabei. Em breve serei eu a abraçar-te.

Ao Francisco, uma inspiração para este trabalho, que se interessou por ele desde o primeiro minuto, que me ajudou na recolha de dados, que me apoiou e me amou ao longo de todo este processo. O amor tem a tua forma e o teu ser.

Obrigada.

Resumo

Não existem, até ao momento, artigos científicos que tenham analisado o impacto do erotismo nas variáveis que compõem a sexualidade. Neste trabalho, erotismo é definido como um mobilizador do desejo sexual e os estímulos eróticos são definidos como estímulos activadores do desejo e da excitação sexual (Muldworf, 1972; Carvalheira, 1997). Os desajustamentos eróticos são as circunstâncias em que o casal enfrenta desajustamentos erótico-sexuais, devido às diferenças nos seus patrimónios eróticos (Carvalheira, 1997). O objectivo deste estudo exploratório é contribuir para a compreensão dos desajustamentos eróticos na vivência do casal, relacionando-o com a satisfação sexual, o desejo sexual, a frequência de relações sexuais e a comunicação. Cinquenta sujeitos (25 casais) com idades compreendidas entre os 20 e os 59 anos ($M = 32,2$; $DP = 11,6$) responderam a um questionário ao mesmo tempo. Todos os casais reportaram algum grau de desajustamento erótico, medida analisada através da discrepância nas respostas dadas na Escala de Estímulos Eróticos (Carvalheira & Godinho, 2014) construída para o presente estudo, sendo que mais de metade dos casais (15) reportam desajustamentos eróticos de uma forma acentuada (> 24). A satisfação sexual está significativamente e negativamente associada com o nível de desajustamento erótico nos homens, mas não nas mulheres. Não se registaram diferenças significativas no desejo sexual e na frequência das relações sexuais. A maioria dos casais comunica os estímulos activadores do seu desejo ao parceiro e registou-se uma relação significativa positiva entre a comunicação dos estímulos eróticos e a satisfação sexual.

Palavras-chave: Erotismo, Desajustamentos Eróticos, Casal, Desejo sexual, Satisfação sexual

Abstract

There are, to date, no scientific papers that have analyzed the impact of eroticism in the variables that make up sexuality. In this work, eroticism is defined as a mobilizer of sexual desire and erotic stimuli are defined as activating stimuli of desire and sexual arousal (Muldworf, 1972; Carvalheira, 1997). Erotic mismatches are the circumstances in which the couple faces erotic-sexual maladjustments due to differences in their erotic heritage (Carvalheira, 1997). The purpose of this exploratory study is to contribute to the understanding of erotic mismatches in the experience of the couple, relating it to sexual satisfaction, sexual desire, frequency of sexual intercourse and communication. Fifty 50 subjects (25 couples) aged between 20 and 59 years ($M = 32.2$, $SD = 11.6$) answered a questionnaire at the same time. All couples reported some degree of erotic mismatch, as

analyzed by the discrepancy in the responses in New Scale of Erotic Stimuli Scale (Carvalheira & Godinho, 2014) built for this study, and more than half of the couples (15) report erotic mismatches in a sharp form (> 24). Sexual satisfaction is significantly and negatively associated with the level of erotic mismatch in men but not in women. There were no significant differences in sexual desire and frequency of sexual intercourse. Most couples communicate the activating stimuli of their desire to partner and there has been a significant positive relationship between the communication of erotic stimuli and sexual satisfaction.

Key-words: Eroticism, Erotic Mismatches, Couple, Sexual desire, Sexual satisfaction

Índice

Introdução	1
Método	5
Resultados	13
Discussão/Conclusão	16
Referências	21
Anexos	24
Anexo A – Materiais	25
Anexo B – Análises de dados efectuadas	31
Anexo C – Revisão de literatura	43

Lista Tabelas

Tabela 1 - Nível educacional e orientação sexual dos participantes	6
Tabela 2 - Diferenças das médias entre homens e mulheres no desajustamento erótico por categorias	14

Introdução

A sexualidade tornou-se uma propriedade do *self*, que desenvolvemos, definimos e renegociamos ao longo das nossas vidas (Giddens, 1992). É um projecto pessoal, um assunto em aberto, é parte do que somos, uma identidade e não apenas algo que fazemos. Tornou-se uma característica central nas relações íntimas e pensamos que a satisfação sexual nos é devida (Perel, 2006).

O desejo sexual tem estado no cerne dos estudos sobre a sexualidade. Conceito amplo e significativamente relacionado com a excitação sexual (para alguns investigadores, duas facetas do mesmo processo dentro da resposta sexual) (Beck, Bozman, & Qualtrough, 1991), pode ser definido como a soma das forças que nos inclinam na direcção ou que nos desviam do comportamento sexual (Levine, 2002). Pode ser analisado em duas perspectivas, uma que parte da motivação individual para a busca de oportunidades de actividade sexual (motivacional) e outra, que está associada ao contexto relacional, que sugere que o desejo é um fenómeno gerado por forças externas e focado no parceiro (interpessoal) (Regan & Berscheid, 1999). Mas que “forças” são essas? Afinal, qual é a força energética do desejo sexual? Poderá o desejo sexual ter no seu âmago o erotismo?

Não existem, até ao momento, artigos científicos que tenham tratado o erotismo como uma variável dependente ou independente. Como diria Francesco Alberoni (1995) “o erotismo apresenta-se sob a marca da diferença. Uma diferença dramática, violenta, exagerada e misteriosa”. Talvez por todas estas razões e mais as acima mencionadas os investigadores não se atrevam a entrar por estes caminhos obscuros e incertos (e possivelmente com alguma razão).

A teoria dos sinais e a existência de pontos vazios, prontos a serem preenchidos pelo imaginário erótico deriva de Muldworf (1972, citado por Carvalheira, 1997), que vê precisamente o desejo como um estado de latência dependente do erotismo, seu mobilizador. Ora, se tanta ênfase tem sido dada ao desejo sexual e ao seu papel central nos conceitos modernos de identidade sexual, função sexual e disfunção sexual (Levine, 2002), porque não “começar do início”, pela base, pelo que é descrito como sendo o mobilizador desse desejo?

Assim, neste trabalho erotismo é definido como um activador/mobilizador do desejo sexual, e os estímulos eróticos são definidos como estímulos activadores/desencadeadores do

desejo sexual e da excitação sexual. O erotismo assenta numa capacidade de produzir imagens internas, criadoras de próprios estímulos em fantasia, sendo o desejo a capacidade de interpretação desses estímulos (Carvalheira, 1997).

Outros investigadores abordaram este tópico de outra forma, usando outra nomenclatura, e fugindo ao conceito de erotismo, de difícil operacionalização. De acordo com o Dual Control Model (Bancroft, 1999), a excitação sexual (*sexual arousal*) depende da disposição tanto para a excitação como para a inibição sexual. Graham e colegas (2004) exploraram os activadores e inibidores da excitação (*sexual arousal*) nas mulheres, e, mais tarde, Janssen e colegas (2008) analisaram os factores que influenciam a excitação sexual (*sexual arousal*) nos homens. Além disso, McCall & Meston (2006) exploraram pistas (*cues*) para o desejo sexual e Brotto e colegas (2009) analisaram os activadores do desejo sexual feminino. Não trataram, no entanto, e até ao momento, estes activadores, estas pistas, estes factores influenciadores do desejo sexual como estímulos eróticos.

Como já foi referido, o erotismo assenta na diferença e variadas são as situações em que os conceitos individuais de erotismo, quando actuando numa relação diádica, entram em colisão. Estas incompatibilidades ou desajustamentos eróticos, como preferimos chamar-lhes neste trabalho, definem-se assim como as circunstâncias em que o casal tem que enfrentar desajustamentos erótico-sexuais, devido às diferenças nos seus patrimónios eróticos, ou seja, ao erotismo de cada um (Carvalheira, 1997) e o objectivo deste trabalho é precisamente perceber como se organiza a individualidade erótica no contexto de uma relação diádica.

A compatibilidade sexual tem sido definida como “quando os membros de uma díade partilham desejos sexuais, comportamentos e gostos” (Purnine & Carey, 1997). Estes autores concluíram que o acordo e compreensão das preferências sexuais dos parceiros estão significativamente relacionadas com o ajustamento sexual e satisfação sexual dos mesmos. Não ressalvam, no entanto, os estímulos eróticos como contribuidores para esta compatibilidade. Assim, o nível de compatibilidade ou incompatibilidade sexual (i.e., compatibilidade ou incompatibilidade dos factores que têm impacto na *arousal*) foi pouco estudado no que respeita à sua eficácia em predizer a satisfação sexual (Mark, Milhausen & Maitland, 2013), principalmente no casal.

As questões de investigação que gostaríamos de dar resposta neste trabalho são as seguintes:

Que impacto terão os diferentes conceitos eróticos individuais na dinâmica sexual do casal, nomeadamente na satisfação sexual e no desejo sexual?

A satisfação sexual tem vindo a tornar-se cada vez mais um elemento essencial de bem-estar individual (Štulhofer, Buško, & Brouillard, 2010) e é, portanto, fundamental compreender de que forma os contrastes eróticos na díade podem afectar este domínio. É também muito importante estudar a questão da satisfação no casal, uma vez que a investigação se tem focado principalmente no indivíduo. Esta é uma abordagem redutora, na medida em que tentar compreender um membro da díade sem o contexto do outro membro não é informativo o suficiente (Kerr & Bowen, 1988, citados por Mark, Milhausen & Maitland, 2013).

Sabe-se que o desejo sexual tem tendência para decrescer ao longo do desenvolvimento de uma relação amorosa (Impett, Strachman, Finkel, & Gable, 2008). Alguns investigadores clínicos (e.g. Baumeister e Bratslavsky, 1999; Perel, 2006; Ferreira, Narciso e Novo, 2012) têm sugerido que este decréscimo pode estar relacionado com determinados estilos de intimidade, que se perde com a tendência para o favorecimento do previsível em relação ao imprevisível (embora o erotismo prospere com a imprevisibilidade) (Perel, 2006), enquanto a prática clínica nos diz que o desejo e interesse sexual se esvai por causa da perda da paixão, ou, a recente sugestão do Supremo Tribunal Administrativo, que o sexo perde importância com a idade e por isso deixa de fazer sentido falar de desejo ou satisfação sexual (acórdão n.º 0279/14 de 09-10-2014).

Será que o desejo pode existir sem o erotismo? Será que o erotismo pode existir sem o desejo? Que componentes estão presentes no erotismo (sensorial, emocional, cognitivo...)? De que forma estas contradições actuam na vida sexual do casal? Quão frequentemente se verificam desajustamentos eróticos nos casais? Será que os desajustamentos eróticos podem ser explicados pelo simples silêncio em relação às fantasias eróticas?

Este último ponto, que diz respeito à comunicação entre os casais acerca dos seus desejos e fantasias eróticas é extremamente pertinente e é importante compreendê-lo, uma vez que está demonstrado que a percepção da compatibilidade sexual é um preditor da satisfação sexual mais forte que a compatibilidade sexual real (Mark, Milhausen & Maitland, 2013). Sendo assim, será que falar sobre as fantasias e desejos eróticos é benéfico para o casal ou é, efectivamente, preferível a ilusão da compatibilidade?

O que pretendemos com este trabalho é dar um contributo para a compreensão do erotismo e do seu impacto na vivência do casal, através dos seguintes objectivos de investigação:

1. Construir um instrumento de investigação sobre estímulos eróticos;
2. Analisar a comunicação dos estímulos eróticos individuais entre os membros do casal;
3. Analisar a relação entre o desajustamento erótico dos casais e satisfação sexual, desejo sexual e frequência das relações sexuais;
4. Compreender o impacto da comunicação sexual na satisfação sexual dos casais com mais e menos desajustamento erótico.

Para o cumprimento destes objectivos, sintetizámos todas as perguntas feitas ao longo desta introdução em três questões chave de investigação:

1. Qual a relação entre o nível de desajustamento erótico do casal e a) o seu nível de satisfação sexual, b) o seu nível de desejo sexual, c) a frequência de relações sexuais?
2. Em que medida o casal comunica os seus desejos/fantasias eróticas (muita comunicação/pouca comunicação)?
3. Como se relaciona a comunicação sobre os estímulos eróticos com a satisfação sexual?

Espera-se que, respondidas estas três questões centrais, se possa também, directa ou indirectamente, responder a algumas das acima expostas e abrir caminhos a outras.

Método

Desenho

O presente estudo é de natureza exploratória, descritiva correlacional e mista.

O carácter exploratório deste estudo resulta do facto de pretender explorar uma nova área de investigação (Mitchell & Jolley, 2004) ou, pelo menos, uma área de investigação à qual tem sido dada muito pouca atenção por parte da psicologia. Apresenta-se como descritivo e correlacional, tendo como objectivo medir variáveis e descrever relações entre variáveis (determinar como as variáveis se relacionam umas com as outras), não procurando assim afirmar relações de causa-efeito (Mitchell & Jolley, 2004).

O método de recolha de dados é um método misto, integrando assim tanto o método qualitativo como o quantitativo. A escolha de uma metodologia mista visa enriquecer e complementar a investigação de forma a contribuir para um melhor conhecimento sobre o objecto de estudo. Na definição de Creswell (2003), os métodos mistos são aqueles que envolvem a recolha e análise de dados qualitativos e quantitativos num único estudo. Assim, preliminarmente, foram conduzidos grupos focais, método qualitativo de recolha de dados que consiste em discussões de grupo acerca de um tópico definido pelo investigador, que deve moderar a discussão e estar atento à interacção grupal (Morgan, 1996; Barbour & Kitzinger, 1999) e a partir dos mesmos construiu-se um instrumento maioritariamente quantitativo, incluindo apenas uma questão de carácter qualitativo.

As variáveis são o nível de desajustamento erótico dos casais, satisfação sexual, desejo sexual, frequência de contactos sexuais, comunicação ao parceiro dos estímulos eróticos. Será também utilizada uma variável qualitativa que pretende recolher mais informação acerca das características eróticas individuais.

Participantes

Foi utilizada uma amostra de conveniência de 50 sujeitos (25 casais), de idade superior a 18 anos e com relações amorosas de duração igual ou superior a 12 meses (critérios de inclusão).

Caracterização da amostra

Os indivíduos são homens (52%) e mulheres (48%) com idades compreendidas entre os 20 e os 59 anos ($M = 32,2$; $DP = 11,6$). Ver Tabela 1.

Tabela 1 – Nível educacional e orientação sexual dos participantes

	N = 50	
	%	N
<i>Nível educacional</i>		
Até ao 9º ano de escolaridade	2	1
Até ao 12º ano de escolaridade	22	11
Licenciatura	58	29
Mestrado	12	6
Doutoramento	6	3
<i>Orientação sexual</i>		
Heterossexual	94	47
Gay	4	2
Bissexual	2	1

Relativamente à situação relacional, 48% dos indivíduos têm uma relação de compromisso, sem coabitar e 52% vivem em coabitação ou são casados. A duração da relação varia entre um e 39 anos de relação ($M = 8,9$; $DP = 9,9$). A maioria dos participantes não tem filhos (68%), 18% têm dois filhos, 6% têm um filho e 8% têm 3 (4%) e 4 (4%).

Procedimento

A maioria dos participantes foi directamente contactada pelos investigadores, pedindo-lhes também que propusessem outros casais dispostos a participar (método bola de neve) no estudo (que cumprissem os critérios de inclusão propostos).

Os instrumentos foram aplicados aos casais em separado, no mesmo dia, à mesma hora e no mesmo local, para que não houvesse comunicação adiantada ou no momento em relação ao conteúdo dos mesmos. Os dados foram recolhidos conforme a disponibilidade dos casais, demorando o processo de recolha aproximadamente 4 meses. Todos os participantes assinaram um termo de consentimento informado (Anexo A, p. 26), mediante a leitura do mesmo aceitaram ou não participar, sabendo que toda a informação recolhida é anónima e confidencial. Uma vez que a recolha de dados foi dificultada pelo facto de se estar a trabalhar com a díade e não individualmente, e pelo facto do questionário ter de ser aplicado na presença dos dois elementos do casal, a investigadora propôs-se a deslocar-se onde mais conviesse aos participantes.

Na altura da aplicação dos questionários, foram primeiramente passados os termos de consentimento informado, dois originais para cada um dos elementos do casal e dois duplicados para a investigadora. De forma a garantir ao máximo a confidencialidade, visto tratar-se de uma temática delicada dado o seu elevado grau de intimidade, foram passados em primeiro lugar os questionários sociodemográficos, guardados num envelope selado com um código (por exemplo, C-1) e posteriormente os restantes questionários e escalas, que foram também selados e codificados com um código que pudesse, posteriormente, ser associado aos dados sociodemográficos (por exemplo, C1-A/B). Os questionários foram abertos após toda a recolha por uma pessoa de confiança da investigadora e que não esteve presente no momento da recolha de dados. Foram ditados por essa pessoa de forma aleatória (por exemplo, C13 e C13-A/B em primeiro lugar) e ao mesmo tempo introduzidos no SPSS pela investigadora. Todo este procedimento foi descrito pormenorizadamente aos participantes através de um *briefing*. Optou-se por este método de forma a tranquilizar o máximo possível os participantes, devido a muitos se terem mostrado preocupados com o facto de conhecerem a investigadora e a confidencialidade poder ser corrompida. O procedimento ético foi seguido tal como descrito aos participantes.

Medidas

Características sociodemográficas

O questionário sociodemográfico inclui informação sobre o sexo, idade, habilitações literárias, orientação sexual, situação relacional (em coabitação ou não), duração da relação e número de filhos.

Desejo sexual

O desejo sexual foi medido através de 2 itens: “Com que frequência teve desejo sexual (de actividade sexual com o parceiro(a)) durante os últimos 3 meses?” (desejo sexual real) e “Com que frequência gostaria de ter tido desejo sexual (de actividade sexual com o parceiro(a)) durante os últimos 3 meses?” (desejo sexual ideal). Foi usada uma escala de Likert de 5 pontos (1 = Nunca, 2 = Poucas vezes, 3 = Algumas vezes, 4 = Muitas vezes, 5 = Sempre).

Frequência dos contactos sexuais

A frequência dos contactos sexuais foi medida através de 1 item: “Qual a frequência de relações sexuais durante os últimos 3 meses?” Foi usada uma escala de Likert de 7 pontos (1 = Nunca, 2 = 1 vez por mês, 3 = 1 vez de 2 em 2 semanas, 4 = 1 vez por semana, 5 = Várias vezes por semana, 6 = 1 vez por dia, 7 = Mais do que uma vez por dia).

Satisfação sexual

A satisfação sexual foi medida através de uma versão reduzida de 12 itens (Anexo A, p. 28) da recentemente validada New Scale of Sexual Satisfaction (NSSS, Štulhofer, Buško, & Brouillard, 2010), uma escala originalmente constituída por 20 itens, que enfatiza os múltiplos domínios do comportamento sexual, incluindo as sensações sexuais, a consciência e foco sexual, a troca sexual, a proximidade emocional e a actividade sexual (Štulhofer, Buško, & Brouillard, 2010). Foi pedido aos participantes para avaliarem a sua satisfação sexual durante os últimos 3 meses em relação à qualidade dos seus orgasmos, à frequência da sua actividade sexual, ao prazer que proporcionam ao parceiro, à criatividade sexual do parceiro, etc. Pontuações mais elevadas indicam maior satisfação sexual. A consistência interna revelou-se elevada ($\alpha = 0,897$). Está neste momento a ser feita a validação para a população portuguesa por “Pechorro, P., Pascoal, P.M., Almeida, A., Figueiredo, C., & Vieira, R. (no prelo). Validação portuguesa da Nova Escala de Satisfação Sexual (NSSS) Portuguese validation of the New Sexual Satisfaction Scale (NSSS). Revista Internacional de Andrología”, e não foi possível dispor dos dados relativos às características psicométricas deste estudo de validação.

Desajustamentos eróticos do casal (New Scale of Erotic Stimuli)

Os desajustamentos eróticos do casal foram mensurados através da Escala de Estímulos Eróticos (Carvalheira & Godinho) que pretende avaliar os componentes individuais do erotismo e que foi construída a partir de diversos grupos focais, constituídos por homens e mulheres com o objectivo de explorar as componentes do erotismo. Estes grupos focais foram realizados no âmbito de um estudo qualitativo que se encontra em desenvolvimento pela Professora Ana Carvalheira: “Exploring Erotic Files: A focus group study on the components of eroticism exploring the triggers of sexual arousal/interest”. Foram conduzidos 9 grupos focais com homens e mulheres, entre os 21 e os 33 anos. Foi posteriormente realizada uma análise temática da qual se extraíram 9 categorias principais: Sensorial (5 sentidos); Interdição/Transgressão (comportamentos proibidos, correr riscos); Novidade (surpresa, inesperado, fuga à rotina); Imaginação (*imagery*, fantasia, antecipação do sexo); Comunicação (verbal e corporal); Características individuais do parceiro (inteligência, sentido de humor, auto-confiança, timidez); *Playfulness* (jogo de sedução, role-play); Dominação/Submissão (ser dominador, ser submisso); Contextual (ambiente, momento do dia). Ver em anexo B (p. 32) uma síntese desta análise temática que apresentámos numa reunião científica.

Os itens foram elaborados com base na análise temática das narrativas dos sujeitos. As categorias emergentes incluem os seguintes itens:

Sensorial: 1. Um determinado cheiro (por exemplo, o cheiro de outra pessoa, perfume, odor corporal, comida, natureza, determinado local); 2. O corpo da mulher/do homem (a forma do corpo, determinadas partes do corpo); 3. Um determinado toque ou forma de tocar; 4. Um determinado som (por exemplo, a voz de outra pessoa, um som específico, determinadas músicas, o som da respiração); 5. Um determinado sabor; 6. O beijo (na boca, em determinada parte do corpo).

Interdição/Transgressão: 1. Ter relações sexuais num sítio público; 2. Saber que posso ser apanhada(o) (no acto sexual); 3. Correr riscos; 4. Seduzir/*flirtar* com uma pessoa “proibida” (por exemplo, alguém comprometido, uma namorada(o) de um(a) amigo(a), o(a) melhor amigo(a) do(a) namorado(a)); 5. Desejar outras pessoas que não o(a) meu(minha) parceiro(a).

Novidade: 1. O não explícito (o que não é óbvio, a sugestão, o mistério); 2. O(A) meu(minha) parceiro(a) fazer algo inesperado, ser surpreendida(o); 3. A fuga à rotina, inovação.

Imaginação: 1. A antecipação do sexo (imaginar como será determinada situação, a expectativa); 2. Determinadas fantasias; 3. Um decote, um vestido, um adereço, alguma coisa que estimule a imaginação.

Comunicação: 1. A forma como o outro se move (a expressão não verbal/expressão corporal); 2. A maneira como o outro se expressa verbalmente (como fala); 3. Existir “química” (telepatia) com o(a) meu(minha) parceiro(a) (por ex. perceber o que o outro quer com o olhar); 4. A proximidade física (o contacto ou quase contacto); 5. Trocar mensagens amorosas ou “picantes”; 6. Dizer “palavrões” durante o acto sexual.

Características individuais do parceiro: 1. A inteligência do meu parceiro; 2. O sentido de humor do meu parceiro; 3. Perceber que o(a) meu(minha) parceiro(a) é auto-confiante (seguro de si); 4. Sentir admiração pelo(a) meu(minha) parceiro(a).

Playfulness: 1. Encarnar determinadas personagens ou criar determinados cenários; 2. O jogo de sedução; 3. Um olhar sedutor, uma provocação.

Dominação/Submissão: 1. Dominar (no acto sexual); 2. Ser dominado/a (no acto sexual); 3. Alguma agressividade (controlada) durante o acto sexual (por exemplo, palmadas, apertões).

Contextual: 1. Um determinado ambiente (por exemplo, velas, lareira); 2. Determinados locais (no local de trabalho, no hotel, na natureza, na casa de férias); 3. A preparação do encontro erótico com um jantar, por exemplo, ou algo preparatório, muito antes dos preliminares; 4. A manhã como momento preferido para o encontro sexual; 5. A noite como momento preferido para o encontro sexual.

O nível de desajustamento erótico foi calculado a partir da diferença entre as respostas dos dois membros do casal a cada item. É o somatório final que nos dá o nível de desajustamento para cada casal, o que permite constituir dois grupos (um com maior desajustamento erótico e outro com menor), sendo o ponto de corte decidido a partir dos totais que descrevem os desajustamentos, que é a variável em estudo. A partir daí constroem-se dois grupos, um com menor desajustamento erótico e outro maior desajustamento.

É também possível avaliar a discrepância nas várias categorias eróticas, resultantes da análise dos grupos focais (sensorial, contextual, imaginação, etc.), através da média dos itens correspondentes a cada uma das categorias, embora esta análise não permita avaliar o nível de

desajustamento do casal uma vez que, quando somados os itens de cada categoria, estes anulam-se dentro da própria categoria. Por exemplo, se dentro de um casal um indivíduo pontuar 1 e o outro 4 num dos itens, e de seguida o primeiro pontuar 4 e o segundo 1 a outro item, a soma será igual para os dois (5), mas estamos claramente na presença de um desajustamento erótico.

A análise da consistência interna do instrumento revelou uma elevada fidelidade ($\alpha = 0,870$).

Outros estímulos eróticos

Foi colocada uma questão aberta, que pretende recolher mais informação acerca das características eróticas individuais, oferecendo também ao participante a oportunidade de acrescentar tópicos que não tenham sido expostos na escala de desajustamentos eróticos:

“Os estímulos que activam o desejo/excitação sexual são muito diversos. Indique, por favor, exemplos, para além dos anteriormente apresentados, de potenciais estímulos activadores do SEU desejo/excitação sexual.”

Esta questão aberta parece-nos importante para futuros estudos que se desenvolvam nesta área, uma vez que recolhe mais informação qualitativa, que poderá também ser útil para alterar/adicionar novas dimensões/completar o questionário de desajustamentos eróticos proposto neste trabalho.

Comunicação ao parceiro

A medida comunicação ao parceiro tem como intuito avaliar o grau de comunicação entre o casal acerca dos estímulos eróticos individuais através de 1 item: “Em que medida comunica ao seu parceiro os estímulos que activam o seu desejo/excitação sexual (os seus desejos/fantasias eróticas)?”. Foi usada uma escala de Likert de 4 pontos (1 = Nunca, 2 = Ocasionalmente, 3 = Muitas vezes, 4 = Sempre).

Análise estatística

A análise de dados foi feita através do IBM SPSS Statistics (versão 22). Foi feita primeiramente uma análise estatística descritiva e posteriormente uma análise correlacional das variáveis em estudo. Foi também realizada uma análise factorial que não foi, no entanto, incluída, uma vez que consideramos que a amostra não reúne um número suficiente de sujeitos que permita retirar conclusões de uma análise factorial.

Resultados

Desejo sexual, satisfação sexual, e comunicação sobre estímulos eróticos

Através de uma análise descritiva, foi possível apurar algumas diferenças entre homens e mulheres: verificou-se uma pequena diferença (não significativa) no desejo sexual real, sendo o desejo sexual masculino ($M = 3.96$; $DP = 0.92$) ligeiramente mais elevado do que o feminino ($M = 3.75$; $DP = 0.85$). Não houve diferenças estatisticamente relevantes em relação ao desejo sexual ideal. Relativamente à satisfação sexual, também se verificaram diferenças pouco significativas, tendo os homens registado um valor mais elevado ($M = 46.8$; $DP = 8.3$) do que mulheres ($M = 44.9$; $DP = 6.4$). A maioria dos casais comunica ($M = 2,76$) os estímulos activadores do seu desejo ao parceiro. As mulheres tendem a comunicar mais os estímulos eróticos ($M = 2.96$; $DP = 0.85$) do que os homens ($M = 2.58$; $DP = 0.80$), embora, mais uma vez, as diferenças não sejam significativas. Embora a frequência da actividade sexual seja direccionada à actividade sexual com o parceiro, verifica-se maior frequência de actividade sexual ($M = 4.1$; $DP = 1.03$) nas mulheres do que nos homens ($M = 3.9$; $DP = 1.01$).

Verificou-se uma relação significativa entre a comunicação dos estímulos eróticos e a satisfação sexual ($\rho = .432$; $p < .002$), ou seja, quanto maior a comunicação de estímulos eróticos maior a satisfação sexual.

Verificou-se uma relação significativa entre a frequência de relações sexuais e a satisfação sexual ($\rho = .351$; $p < .012$), ou seja, quanto maior a satisfação sexual maior a frequência de relações sexuais.

Relativamente às variáveis número de filhos, duração da relação e tipo de relação, quando correlacionadas com a variável satisfação sexual, não se verificaram relações significativas.

Analisando a relação entre a satisfação sexual e o desejo sexual real, existe uma relação significativa ($\rho = .563$; $p < .000$), ou seja, quanto maior o desejo sexual, maior a satisfação sexual.

O desejo sexual real está (embora pouco significativamente) relacionado com o tipo de relação ($\rho = -.302$; $p < .033$) e com a duração da relação ($\rho = -.282$; $p < .047$), ou seja,

quanto maior a duração da relação, menor o desejo sexual. Não se verificou qualquer tipo de relação do desejo sexual real com a frequência de relações sexuais ou com o número de filhos.

Desajustamento erótico no casal

As análises comparativas entre homens e mulheres das categorias que derivaram da análise qualitativa dos desajustamentos eróticos são as seguintes:

Tabela 2 – Diferenças das médias entre homens e mulheres no desajustamento erótico por categorias

	Homens	Desvio Padrão	Mulheres	Desvio Padrão
Sensorial	16,73	3,067	17,17	2,929
Interdição/Transgressão	8,92	1,937	8,50	2,226
Novidade	8,31	1,668	9,33	1,465
Imaginação	8,27	1,779	7,92	1,792
Comunicação	16,35	2,925	16,37	2,281
Características	11,77	3,076	13,17	2,334
<i>Playfulness</i>	8,19	1,524	8,79	1,179
Dominação/submissão	6,88	1,904	7,71	1,781
Contextual	12,08	2,481	13,96	2,440
Total	97,5	13,82	102,9	11,99

As mulheres referiram maior número de estímulos eróticos ($M = 102.9$; $DP = 11.99$) do que os homens ($M = 97.5$; $DP = 13.82$). As mulheres pontuaram mais do que os homens nas seguintes categorias: Contextual, Características individuais do parceiro e Novidade. A

duração da relação não está relacionada com o total de estímulos dos homens ou das mulheres.

As diferenças entre as categorias em homens e mulheres não serão, no entanto, analisados e discutidos, uma vez que ao cruzarmos as categorias que derivaram da análise qualitativa não atingimos o objectivo de avaliar o desajustamento erótico, pelo facto dos itens dentro das categorias se anularem uns aos outros. Assim, procedeu-se à análise item a item, e à comparação dos casais com maior e menor desajustamento erótico relativamente à satisfação sexual, desejo sexual, frequência sexual e comunicação dos estímulos eróticos, em homens e mulheres.

Para a análise item a item (explicado no método) foi necessário estabelecer o ponto de corte: a amplitude de respostas incompatíveis variou entre 19 e 29, tendo sido o ponto de corte definido como 24. Assim, os casais com desajustamento ≥ 24 foram agrupados (Grupo 1: maior desajustamento) e os casais com desajustamento < 24 formam o Grupo 2 (menor desajustamento). Foi aplicado o teste Shapiro-Wilk, uma vez que as duas amostras são pequenas (< 30) para a variável satisfação sexual (ver Anexo B, p. 37).

Todos os casais registam algum grau de desajustamento erótico, sendo que mais de metade dos casais (15) reportam desajustamentos eróticos de uma forma acentuada (> 24). Não se verifica uma diferença significativa relativamente à satisfação sexual das mulheres entre os casais com maior grau de desajustamento erótico ($M = 44.5$) e os casais com menor grau de desajustamento erótico ($M = 45.4$) ($t(22) = .31, p > .05$).

Verifica-se uma diferença significativa relativamente à satisfação sexual dos homens entre os casais com maior grau de desajustamento erótico ($M = 43.8$) e os casais com menor grau de desajustamento erótico ($M = 51.4$) ($t(24) = 2.5, p < .05$). Ou seja, nos casais com maior desajustamento erótico, os homens apresentam menos satisfação sexual.

Relativamente às variáveis desejo sexual (real e ideal), frequência sexual e comunicação dos estímulos eróticos não se registaram diferenças significativas. No entanto, verificou-se que existe um maior nível de desejo sexual, maior frequência de relações sexuais, e maior comunicação dos estímulos eróticos no grupo com menor desajustamento erótico, tanto em homens como em mulheres.

As respostas à questão aberta “Outros estímulos eróticos”, descrita no método não foram analisadas neste estudo.

Discussão/Conclusão

O objectivo geral do estudo foi dar um contributo para a compreensão do erotismo – um conceito central na sexualidade humana – nomeadamente dos desajustamentos eróticos e do seu impacto na vivência sexual do casal. O presente estudo foi o primeiro a explorar o impacto do erotismo na sexualidade, a nível do casal. Os investigadores têm menosprezado (e.g., Birnbaum, 2007; Byers, 2005) a díade na investigação em variáveis sexuais, sendo esta frequentemente conduzida a um nível individual e não diádico, embora há muito seja sugerido pelos investigadores que para compreender o comportamento de um parceiro este tem de ser considerado no contexto do outro membro da díade (Kerr & Bowen, 1988, citados por Mark, Milhausen & Maitland, 2013). Para o seu cumprimento, propusemo-nos a outros objectivos específicos.

Um dos objectivos foi a construção de um instrumento de estímulos eróticos (Escala de Estímulos Eróticos), que permitisse avaliar os componentes individuais do erotismo. Este instrumento teve na sua base uma metodologia qualitativa (grupos focais), que nos pareceu ser a mais indicada para o tema do erotismo, uma vez que é um método de discussão que propicia, pela sua dinâmica, o questionamento e geração de novos tópicos. A validade da escala foi confirmada através de uma análise da consistência interna que indicou uma elevada fidelidade ($\alpha = 0,87$). Este instrumento está ainda em construção e não é, nem nunca poderá ser, um instrumento universal para a avaliação de estímulos eróticos (uma vez que estes se apresentam como extremamente individuais, subjectivos e altamente influenciados pelas variáveis socioculturais), mas esperamos que possa trazer a dimensão erotismo para as investigações em sexualidade e para melhor compreender o desejo e a satisfação sexual.

Relativamente às variáveis em estudo, e aos objectivos que foram propostos, nomeadamente o de compreender a relação dos desajustamentos eróticos com a satisfação sexual, desejo sexual, frequência de relações sexuais e comunicação dos estímulos eróticos, foi possível retirar várias conclusões.

Por um lado, verifica-se que todos os casais registam algum grau de desajustamento erótico, medida analisada através da discrepância nas respostas dadas na Escala de Estímulos Eróticos, sendo que mais de metade dos casais (15) reporta desajustamentos eróticos de uma forma acentuada (> 24).

Relativamente à satisfação sexual, percebeu-se que esta não está significativamente associada com o nível de desajustamento erótico nas mulheres mas sim nos homens (nos casais com maior desajustamento erótico, os homens apresentam menor satisfação sexual). Foi possível também verificar que as mulheres referem um maior número de estímulos eróticos do que os homens. Estes resultados vêm corroborar/suportar a tese defendida por Baumeister (2000) de que as mulheres têm maior plasticidade erótica do que os homens, ou seja, que para as mulheres o sexo é impulsionado por factores socioculturais, interpretações, contexto, expectativas e gostos. O facto dos homens nos casais com maior desajustamento erótico apresentarem menos satisfação sexual pode ser exemplificativo da evidência de que a sexualidade das mulheres é mais eficazmente adaptável e mutável do que a dos homens (Baumeister, 2000).

Alberoni (1995) traçou uma diferença de géneros no que respeita ao erotismo feminino e ao erotismo masculino: a mulher a continuidade, o estarem juntos, o contacto, o tempo. O homem a necessidade de variar, de novidade, de revelação. Os resultados deste estudo contrariam esta teoria de que o erotismo pode ser dicotomizado e abordam-no como uma característica individual, que, quando avaliado na relação diádica, pode ter uma influência importante. Note-se, por exemplo, que na categoria novidade as mulheres pontuaram mais do que os homens, o que vai completamente contra a ideia de “continuidade” no erotismo feminino e “novidade” no erotismo masculino. De acordo com os resultados do nosso estudo, não existe dicotomia erótica, existe sim uma grande diversidade individual que torna o erotismo único e intransmissível. Na relação diádica, os patrimónios eróticos individuais encontram-se e nessa relação podem convergir ou divergir. Já em 1979, Masters e Johnson tinham feito um estudo relativo aos conteúdos e frequência das fantasias sexuais, constatando uma enorme semelhança nas fantasias de homens e mulheres (em ambos os casos muito relacionadas com a transgressão).

Outros investigadores colocaram esta questão, como é o caso de Carvalheira (1997), quando questiona “Será que no tempo em que vivemos, com as fascinantes transformações relativas aos papéis sexuais, ainda é possível defender um discurso em termos de masculino versus feminino?” e já nessa altura defendia que “O erotismo pode ser matizado por personalidades diferentes, e por experiências desenvolvimentais diversas, mas não exclusivamente por géneros diferentes. (...) o mapa erótico é como as impressões digitais. Então: um erotismo!” (Carvalheira, 1997). Os resultados deste estudo parecem, assim, corroborar esta tese.

Outro dos resultados prende-se com o facto de não se ter registado relação entre a duração da relação e o total de estímulos, nos homens e nas mulheres. Pelo menos na amostra utilizada, este facto não suporta a teoria de que mulheres em relações mais longas reportam significativamente menos estímulos ou pistas eróticas (Carvalheira, Brotto & Maroco, 2010).

No que diz respeito a outras variáveis sexuais, como o desejo sexual (real e ideal) e a frequência das relações sexuais, não se registaram diferenças significativas, quando comparados os casais com maiores e menores desajustamentos eróticos. Não obstante, verificou-se que existe um maior nível de desejo sexual e maior frequência de relações sexuais no grupo com menor desajustamento erótico, tanto em homens como em mulheres. Estes resultados propõem que talvez um maior nível de desajustamento erótico esteja negativamente relacionado com um maior nível de desejo e frequência sexual.

Podemos concluir que a variável estímulos eróticos tem um impacto importante em muitos aspectos da sexualidade, revelando-se no sentido esperado (embora não tenhamos colocado hipóteses pela natureza exploratória do estudo), mesmo numa amostra muito pequena.

Outro dos objectivos deste estudo era analisar a comunicação dos estímulos eróticos individuais entre os membros do casal e compreender o seu impacto na satisfação sexual dos casais com maior e menor desajustamento erótico. A maioria dos casais comunica ($M = 2,76$) os estímulos activadores do seu desejo ao parceiro, sendo que as mulheres tendem a comunicar mais os estímulos eróticos do que os homens. Existe uma relação significativa entre a comunicação dos estímulos eróticos e a satisfação sexual, ou seja, quanto maior a comunicação de estímulos eróticos maior a satisfação sexual. Para além destes resultados, e embora a relação não seja significativa, verifica-se também uma maior comunicação dos estímulos eróticos no grupo com menor desajustamento erótico, tanto em homens como em mulheres.

Assim, respondendo à questão que colocámos na introdução “(...) será que falar sobre as fantasias e desejos eróticos é benéfico para o casal ou é, efectivamente, preferível a ilusão da compatibilidade?”, no âmbito da tese de Mark e colegas (2013) de que a percepção da compatibilidade é um preditor da satisfação sexual mais forte que a compatibilidade sexual real, parece-nos que, atendendo aos resultados, a comunicação é benéfica para a satisfação sexual e, possivelmente, para um maior entendimento dos estímulos eróticos individuais e maior harmonia dos mesmos no casal.

Pensamos que este estudo preliminar tem pressuposições importantes no futuro da investigação sobre a sexualidade e abre uma janela para o papel que o erotismo e os desajustamentos eróticos têm nela. É necessário que futuros estudos abordem esta variável e o façam numa amostra maior, para tentar confirmar ou infirmar alguns dos resultados preliminares que daqui derivaram (por exemplo, confirmar ou não que um maior nível de desajustamento erótico esteja negativamente relacionado com um maior nível de desejo e frequência sexual, resultados que não tiveram expressão numa amostra deste tamanho mas que poderão ter numa amostra maior). Podemos concluir que a variável estímulos eróticos tem um impacto importante em muitos aspectos da sexualidade mesmo numa amostra pequena. Por outro lado, pensamos indispensável reflectir sobre a importância que os estudos com a díade têm na investigação em sexualidade. Pensamos ser importante, na investigação sobre sexualidade, começar progressivamente a transportar o discurso individual para um nível conjunto e abordar questões que têm impacto na díade a um nível diádico e não particular.

Este é um estudo exploratório para um projecto maior, mas que abre importantes janelas de investigação futura, num tema que não está estudado e com grandes implicações clínicas, uma vez que propõe que o património erótico individual tem impacto na saúde sexual do indivíduo e do casal. Assim, pensamos que em *setting* terapêutico, a exploração deste património possa ser importante para discutir dificuldades na vida sexual dos casais e que a comunicação dos estímulos eróticos possa contribuir para o aumento da satisfação sexual do casal (o que de certa forma contradiz a proposta de Mark e colegas (2013) de que o foco terapêutico deve ser na percepção de compatibilidade sexual). Ademais, pensamos que a escala de estímulos eróticos possa vir a ser um bom instrumento de trabalho para clínicos e sexólogos, na medida em que facilita a comunicação sobre estímulos eróticos, possibilitando a comparação imediata das respostas do casal e permitindo ao casal discutir estas respostas.

Este estudo exploratório tem, no entanto, muitas limitações que estudos futuros poderão, eventualmente, resolver. Devido à metodologia utilizada na recolha de dados e às dificuldades que dela surgiram, a amostra (N = 50) acabou por ser muito pequena e é, por essa razão, difícil afirmar a força dos resultados. Também a caracterização da amostra, concentrando um número de participantes com um elevado nível académico e maioritariamente heterossexuais, é uma limitação. Por outro lado, é um risco falar de um conceito tão abrangente e subjectivo como o erotismo, quando pouco (ou nada, no âmbito da psicologia) existe escrito sobre este, o que tornou particularmente difícil a revisão de literatura e a definição/construção do conceito

em si. Também a construção do instrumento tem as suas lacunas, não sendo possível conter nele todo o mundo erótico, e, por isso, ter sido necessária uma selecção dos estímulos eróticos mais mencionados nos grupos focais. A própria metodologia dificultou também a análise de resultados, uma vez que a análise quantitativa das categorias do erotismo se revelou inapropriada e não permitiu avaliar o grau de desajustamento erótico dos casais, sendo necessária uma análise item a item. Por estas razões e pela natureza do trabalho, não foi possível cumprir totalmente o objectivo de analisar os casais, relativamente às variáveis propostas, de forma mais profunda. Espera-se conseguir alcançar este objectivo transportando este estudo a um projecto maior.

Referências

http://www.dgsi.pt/jsta.nsf/35fbbbf22e1bb1e680256f8e003ea931/683aef3e81f7522480257d70004aee6f?OpenDocument&ExpandSection=1&Highlight=0,Maternidade#_Section1,

retirado em Novembro de 2014.

Alberoni, F. (1995). *O Erotismo*. Bertrand Editora, Venda Nova.

Bancroft, J. (1999). Central inhibition of sexual response in the male: A theoretical perspective. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 23, 763-784.

Baumeister, R. F. (2000). Gender differences in erotic plasticity: the female sex drive as socially flexible and responsive. *Psychological bulletin*, 126(3), 347.

Baumeister, R. F., & Bratslavsky, E. (1999). Passion, intimacy, and time: Passionate love as a function of change in intimacy. *Personality and Social Psychology Review*, 3, 49–67.

Barbour, R.S., & Kitzinger, J. (1999). *Developing Focus Group Research: Politics, Theory and Practice*, London: Sage. Bloor, M., Frankland, J., Thomas, M. and Robson, K. (2001) *Focus Groups in Social Research*, London: Sage.

Beck, J. G., Bozman, A.W., & Qualtrough, T. (1991). The experience of sexual desire: Psychological correlates in a college sample. *Journal of Sex Research*, 28, 443–456.

Birnbaum, G.E. (2007). Attachment orientations, sexual functioning, and relationship satisfaction in a community sample of women. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24, 21–35.

Brotto, L., Heiman, J., & Tolman, D. (2009). Narratives of Desire in Mid-Age Women with and Without Arousal Difficulties. *Journal of Sex Research*, 46, 1-12.

Byers, S.E. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *Journal of Sex Research*, 42, 113–118.

Carvalheira, A. (1997). *O outro lado da lua: Algumas reflexões sobre o erotismo* [Monografia]. Coimbra.

- Carvalheira, A., Brotto, L. A., & Maroco, J. (2011). Portuguese version of Cues for Sexual Desire Scale: The influence of relationship duration. *The journal of sexual medicine*, 8(1), 123-131.
- Creswell, J. W. (2003). *Research design: Quantitative, qualitative, and mixed methods approaches* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Ferreira, L., Narciso, I., & Novo, R. (2012). Intimacy, sexual desire and differentiation in couplehood: A theoretical and methodological review. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 38, 263-280.
- Giddens, A. (1992). A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Graham, C. A., Sanders, S. A., Milhausen, R. R., & McBride, K. R. (2004). Turning on and turning off: A focus group study of the factors that affect women's sexual arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 33(6), 527-538.
- Impett, E. A., Strachman, A., Finkel, E. J., & Gable, S. L. (2008). Maintaining sexual desire in intimate relationships: The importance of approach goals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94, 808–823.
- Janssen, E., McBride, K. R., Yarber, W., Hill, B. J., & Butler, S. M. (2008). Factors that influence sexual arousal in men: A focus group study. *Archives of Sexual Behavior*, 37(2), 252-265.
- Laureano, R. (2011). Testes de hipóteses com o SPSS – O meu manual de consulta rápida. Edições Sílabo.
- Levine, S. (2002). Re-exploring the concept of sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28, 39–51.
- Mark, K., Milhausen, R., & Maitland, S. (2013). The impact of sexual compatibility on sexual and relationship satisfaction in a sample of young adult heterosexual couples. *Sexual and Relationship Therapy*, DOI:10.1080/14681994.2013.807336.
- McCall, K., & Meston, C. (2006). Cues resulting in desire for sexual activity in women. *The journal of sexual medicine*, 3(5), 838.

- Mitchell, M. L., & Jolley, J. M. (2004). *Research design explained* (5th ed.). Toronto, Canada: Wadsworth.
- Morgan, D. L. (1996). Focus groups. *Annual review of sociology*, 129-152.
- Perel, E. (2006). *Mating in captivity: Reconciling the erotic and the domestic*. New York, NY: HarperCollins.
- Purnine, D.M. & Carey, M.P. (1997). Interpersonal communication and sexual adjustment: The roles of understanding and agreement. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65,1017–1025.
- Regan, P., & Berscheid, E. (1999). *Lust: What we know about human sexual desire*. London: Sage.
- Štulhofer, A., Buško, V., & Brouillard, P. (2010). Development and bicultural validation of the new sexual satisfaction scale. *Journal of Sex Research*, 47(4), 257–268.

Anexos

Anexo A – Materiais

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Objectivo do Estudo

Estudar os factores que influenciam o desejo sexual e o erotismo no casal.

Investigadores:

Prof. Dra. Ana Alexandra Carvalheira (Investigador responsável)

Mestranda: Leonor Godinho

Condições do Estudo

O tempo previsto de duração de cada sessão é de cerca de 20 minutos.

Benefícios da Participação

A participação neste estudo não envolve qualquer risco ou desconforto físico ou psicológico. O intuito é a realização de uma investigação que poderá aumentar o conhecimento sobre processos psicológicos e será esclarecido, no final do estudo, sobre o processo de investigação em curso. A sua participação pode ser interessante no sentido de estimular a sua reflexão sobre aspectos relevantes da sua sexualidade e da sexualidade do casal. Pode ainda permitir o seu conhecimento pessoal sobre algumas abordagens científicas na Psicologia. Caso esteja interessado em obter informação relativa aos resultados finais do estudo poderá usar o seguinte contacto de e-mail: leonor.fgodinho@gmail.com.

Participação voluntária

A participação tem um carácter voluntário. O participante tem a possibilidade de interromper e abandonar a participação a qualquer momento, sempre que assim o entender.

Confidencialidade, Privacidade e Anonimato

De acordo com as normas éticas, toda a informação recolhida neste estudo é confidencial, não sendo de maneira nenhuma associada ao seu nome.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação disponível do estudo, declaro aceitar participar.

__/__/__

O participante: _____

O investigador: _____

Sexo:

Masculino

Feminino

Idade _____

Habilitações literárias completas:

Até ao 9º ano de escolaridade

Até ao 12º ano de escolaridade

Licenciatura

Mestrado

Doutoramento

Qual é a sua orientação sexual?

Heterossexual

Lésbica

Gay

Bissexual

Qual é a sua situação relacional?

Com relação de compromisso, sem coabitar

Com relação de compromisso em coabitação (ou casado)

Há quanto tempo dura a relação?

_____ anos _____ meses

Tem filhos? Sim/Não

Em caso afirmativo, qual o número de filhos? _____

Com que frequência teve desejo sexual (de actividade sexual com o parceiro(a)) durante os últimos 3 meses? Por favor, seleccione:

1 - Nunca	2 - Poucas vezes	3 - Algumas vezes	4 - Muitas vezes	5 - Sempre
-----------	------------------	-------------------	------------------	------------

Com que frequência gostaria de ter tido desejo sexual (de actividade sexual com o parceiro(a)) durante os últimos 3 meses? Por favor, seleccione:

1 - Nunca	2 - Poucas vezes	3 - Algumas vezes	4 - Muitas vezes	5 - Sempre
-----------	------------------	-------------------	------------------	------------

Qual a frequência de relações sexuais durante os últimos 3 meses? Por favor, seleccione:

0) Nunca	<input type="checkbox"/>
1) 1 vez por mês	<input type="checkbox"/>
2) 1 vez de 2 em 2 semanas	<input type="checkbox"/>
3) 1 vez por semana	<input type="checkbox"/>
4) Várias vezes por semana	<input type="checkbox"/>
5) 1 vez por dia	<input type="checkbox"/>
6) Mais do que uma vez por dia	<input type="checkbox"/>

Pensando na sua vida sexual nos últimos 3 meses, por favor classifique o seu grau de satisfação com os seguintes aspectos:

1 – Nada satisfeito 2 – Pouco satisfeito 3 – Moderadamente satisfeito 4 – Bastante satisfeito 5 – Extremamente satisfeito					
1. A qualidade dos meus orgasmos	1	2	3	4	5
2. O "deixar-me ir" e render-me ao prazer sexual	1	2	3	4	5
3. A maneira como eu reajo sexualmente ao(à) meu(minha) parceiro(a)	1	2	3	4	5
4. O funcionamento sexual do meu corpo	1	2	3	4	5
5. O meu estado de ânimo depois do sexo	1	2	3	4	5
6. O prazer que dou ao(à) meu(minha) parceiro(a)	1	2	3	4	5
7. O balanço entre o que dou e recebo no sexo	1	2	3	4	5
8. A abertura emocional do(da) meu(minha) parceiro(a) durante o sexo	1	2	3	4	5
9. A capacidade do(da) meu(minha) parceiro(a) para ter orgasmo	1	2	3	4	5
10. A criatividade sexual do(da) meu(minha) parceiro(a)	1	2	3	4	5
11. A diversidade das minhas actividades sexuais	1	2	3	4	5
12. A frequência da minha actividade sexual	1	2	3	4	5

Em que medida os seguintes elementos constituem potenciais estímulos activadores do seu desejo sexual? Por favor, seleccione de acordo com a seguinte escala:

1 – Nunca 2 - Ocasionalmente 3 - Muitas vezes 4 – Sempre				
1. Um determinado cheiro (por exemplo, o cheiro de outra pessoa, perfume, odor corporal, comida, natureza, determinado local).	1	2	3	4
2. Ter relações sexuais num sítio público.	1	2	3	4
3. O não explícito (o que não é óbvio, a sugestão, o mistério).	1	2	3	4
4. A antecipação do sexo (imaginar como será determinada situação, a expectativa).	1	2	3	4
5. A forma como o outro se move (a expressão não verbal/expressão corporal).	1	2	3	4
6. A inteligência do(da) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4
7. Encarnar determinadas personagens ou criar determinados cenários.	1	2	3	4
8. Dominar (no acto sexual).	1	2	3	4
9. Um determinado ambiente (por exemplo, velas, lareira).	1	2	3	4
10. O corpo da mulher/do homem (a forma do corpo, determinadas partes do corpo).	1	2	3	4
11. Saber que posso ser apanhada(o) (no acto sexual).	1	2	3	4
12. O(A) meu(minha) parceiro(a) fazer algo inesperado, ser surpreendida(o).	1	2	3	4
13. Determinadas fantasias	1	2	3	4
14. A maneira como o outro se expressa verbalmente (como fala).	1	2	3	4
15. O sentido de humor do(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4
16. O jogo de sedução.	1	2	3	4
17. Ser dominado/a (no acto sexual).	1	2	3	4
18. Determinados locais (no local de trabalho, no hotel, na natureza, na casa de férias).	1	2	3	4
19. Um determinado toque ou forma de tocar.	1	2	3	4
20. Correr riscos.	1	2	3	4
21. A fuga à rotina, inovação.	1	2	3	4
22. Um decote, um vestido, um adereço, alguma coisa que estimule a imaginação.	1	2	3	4
23. Existir “química” (telepatia) com o(a) meu(minha) parceiro(a) (por ex. perceber o que o outro quer com o olhar).	1	2	3	4
24. Perceber que o(a) meu(minha) parceiro(a) é auto confiante (seguro de si).	1	2	3	4

25. Um olhar sedutor, uma provocação	1	2	3	4
26. Alguma agressividade (controlada) durante o acto sexual (por exemplo, palmadas, apertões).	1	2	3	4
27. A preparação do encontro erótico com um jantar, por exemplo, ou algo preparatório, muito antes dos preliminares.	1	2	3	4
28. Um determinado som (por exemplo, a voz de outra pessoa, um som específico, determinadas músicas, o som da respiração).	1	2	3	4
29. Seduzir/flirtar com uma pessoa “proibida” (por exemplo, alguém comprometido, uma namorada(o) de um(a) amigo(a), o(a) melhor amigo(a) do(a) namorado(a)).	1	2	3	4
30. A proximidade física (o contacto ou quase contacto).	1	2	3	4
31. Sentir admiração pelo(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4
32. A manhã como momento preferido para o encontro sexual	1	2	3	4
33. Um determinado sabor.	1	2	3	4
34. Desejar outras pessoas que não o(a) meu(minha) parceiro(a).	1	2	3	4
35. Trocar mensagens amorosas ou “picantes”.	1	2	3	4
36. A noite como momento preferido para o encontro sexual	1	2	3	4
37. O beijo (na boca, em determinada parte do corpo).	1	2	3	4
38. Dizer “palavrões” durante o acto sexual.	1	2	3	4

Os estímulos que activam o desejo/excitação sexual são muito diversos. Indique, por favor, exemplos, para além dos anteriormente apresentados, de potenciais estímulos activadores do SEU desejo/excitação sexual.

Em que medida comunica ao seu parceiro os estímulos que activam o seu desejo/excitação sexual (os seus desejos/fantasias eróticas)? Por favor, seleccione:

1 - Nunca	2 - Ocasionalmente	3 - Muitas vezes	4 - Sempre
-----------	--------------------	------------------	------------

Por favor, verifique se respondeu a todas as questões. Muito obrigada pela colaboração!

Anexo B - Análises de dados efectuadas

Exploring Erotic Files: A focus group study on the components of eroticism exploring the triggers of sexual arousal/interest

Ana Carvalheira

Psychology & Health Research Unit; ISPA – Instituto Universitário, Lisbon, PORTUGAL

acarvalheira@ispa.pt

Sex has been studied in the same way as digestion (Tiefer, 2009) with the focus on *response, function, dysfunction*.

A central construct has been omitted in sex research: **EROTICISM**.
EROTICISM: A CRUCIAL CONCEPT IN HUMAN SEXUAL EXPERIENCE.

EROTICISM is associated with transgression, it is assenting to life even in death (Bataille, 1957)
EROTICISM is what the imagination adds to nature (Paz, 1996)
Imagination is the central ingredient of **EROTIC** intelligence (Perel, 2006)
Meana's (2010) concludes with an appeal for the inclusion of **EROTICISM** in research and clinical work on sexual desire.

BACKGROUND:

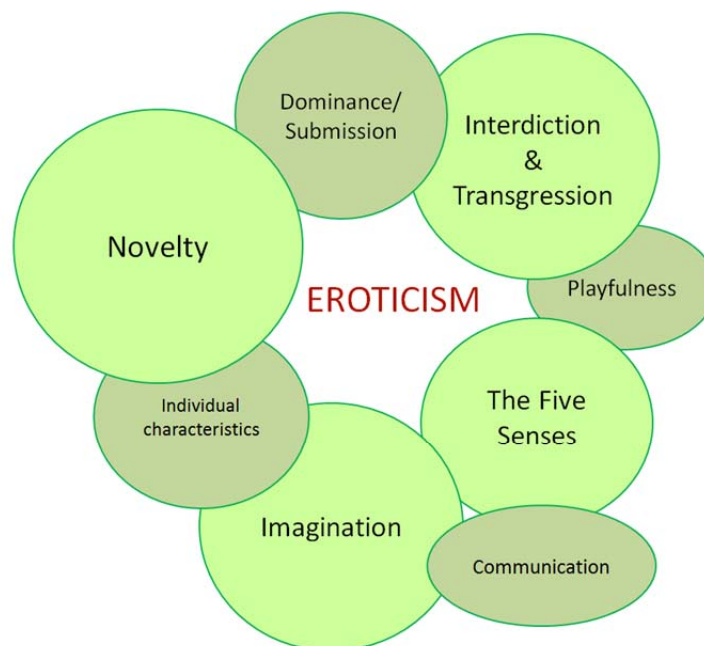
Sexual arousal is dependent on the disposition for both sexual excitation and sexual inhibition (Dual Control Model, Bancroft, 1999);
Enhancers and inhibitors of sexual arousal in women (Graham et al., 2004);
Factors that influence sexual arousal in men (Janssen et al., 2008);
Cues for sexual desire (McCall & Meston, 2006);
Triggers of women's sexual desire (Brotto et al., 2009);
clinical work on sexual desire.

AIM:

To explore the components of eroticism among young women and men.

METHOD:

Nine focus groups, N = 66 young female and male (21-33 years).
Thematic analysis (Braun & Clarke, 2006).



DISCUSSION:

- Findings revealed an **expectable diversity** of components of eroticism. The **major components of eroticism** are sensorial, transgression, novelty and imagination.
- The triggers and components of eroticism combine and interact between them.
- Eroticism may present some considerable **research challenges**, but it will be useful to incorporate this construct into our research on sexual interest and arousal.
- **Clinical implications:** the loss of sexual interest/arousal may be related to the loss of eroticism. The knowledge of eroticism is relevant to better understand and overcome the lack of (individual or couple) eroticism in the origin of sexual problems and dysfunctions.

References

1. Bancroft, J., Graham, C., Janssen, E., & Sanders, S. (2009). Dual Control Model: Current Status and Future Directions. *Journal of Sex Research*, 46(2), 121-142.
2. Bataille, G. (1957). *L'Erotisme*. Les Editions de Minuit.
3. Braun, V. and Clarke, V. (2006) Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), pp. 77-101. ISSN 1478-0887
4. Brotto, L., Heiman, J., & Tolman, D. (2009). Narratives of Desire in Mid-Age Women with and Without Arousal Difficulties. *Journal of Sex Research*, 46, 1-12.
5. Graham, C., Sanders, S., Milhausen, R., & McBride, K. (2004). Turning On and Turning Off: A Focus Group Study of the Factors That Affect Women's Sexual Arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 33(6), 527-538.
6. Janssen, E., McBride, K., Yarber, W., Hill, B., & Butler, S. (2008). Factors that Influence Sexual Arousal in Men: A Focus Group Study. *Archives of Sexual Behavior*, 37, 252-265.
7. McCall, K., & Meston, C. (2006). Cues Resulting in Desire for Sexual Activity in Women. *Journal of Sexual Medicine*, 3, 838-852.
8. Meana, M. (2010). Elucidating Women's (hetero)Sexual Desire: Definitional Challenges and Content Expansion. *Journal of Sex Research*, 47(2), 104-122.
9. Paz, O. (1993). *La llama doble: Amor y erotismo*. Seix Barral.
10. Perel, E. (2006) *Mating in captivity: Reconciling the erotic and the domestic*. Harper Collins

Análise estatística

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Com_que_frequência_teve_des_ejo_sexual_3meses	26	2	5	3,96	,916
N válido (de lista)	26				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Com_que_frequência_teve_des_ejo_sexual_3meses	24	2	5	3,75	,847
N válido (de lista)	24				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Sexo	24	2	2	2,00	,000
satisfação_sexual	24	34	55	44,92	6,433
N válido (de lista)	24				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Sexo	26	1	1	1,00	,000
satisfação_sexual	26	20	60	46,77	8,267
N válido (de lista)	26				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Em_que_medida_comunica_ao_seu_parceiro_os_estímulos	50	1	4	2,76	,847
N válido (de lista)	50				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Em_que_medida_comunica_ao _seu_parceiro_os_estímulos	26	1	4	2,58	,809
N válido (de lista)	26				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Em_que_medida_comunica_ao _seu_parceiro_os_estímulos	24	2	4	2,96	,859
N válido (de lista)	24				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Frequência_relações_sexuais_ 3meses	24	2	6	4,13	1,035
N válido (de lista)	24				

Estatísticas descritivas

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Frequência_relações_sexuais_ 3meses	26	2	6	3,92	1,017
N válido (de lista)	26				

Correlações

			Com_que_frequê ncia_teve_desejo _sexual_3meses	Duração_ relação	Relaç ão	Filhos	satisfação _sexual	Frequência _relações_ sexuais_3 meses
rô de Spearman	Com_que_frequên cia_teve_desejo_s exual_3meses	Coefficient e de Correlaçã o Sig. (2 extremida des)	1,000	-,282 [*] ,047	-,302 [*] ,033	-,206 ,152	,563 ^{**} ,000	,278 ,051

	N	50	50	50	50	50	50
Duração_relação	Coefficiente de Correlação	-,282 [*]	1,000	,436 ^{**}	,713 ^{**}	,017	-,130
	Sig. (2 extremidades)	,047	.	,002	,000	,908	,368
	N	50	50	50	50	50	50
Relação	Coefficiente de Correlação	-,302 [*]	,436 ^{**}	1,000	,646 ^{**}	-,099	,130
	Sig. (2 extremidades)	,033	,002	.	,000	,496	,367
	N	50	50	50	50	50	50
Filhos	Coefficiente de Correlação	-,206	,713 ^{**}	,646 ^{**}	1,000	,024	-,006
	Sig. (2 extremidades)	,152	,000	,000	.	,870	,969
	N	50	50	50	50	50	50
satisfação_sexual	Coefficiente de Correlação	,563 ^{**}	,017	-,099	,024	1,000	,351 [*]
	Sig. (2 extremidades)	,000	,908	,496	,870	.	,012
	N	50	50	50	50	50	50
Frequência_relações sexuais_3meses	Coefficiente de Correlação	,278	-,130	,130	-,006	,351 [*]	1,000
	Sig. (2 extremidades)	,051	,368	,367	,969	,012	.
	N	50	50	50	50	50	50

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Correlações

		Com_que_fr equência_te ve_desejo_ sexual_3me ses	Duração_rel ação	Relaçã o	Filhos	satisfação_s exual	Frequência _relações_s exuais_3me ses
Com_que_frequência _teve_desejo_sexual _3meses	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	1 50	-,214 ,135 50	-,292* ,040 50	-,164 ,256 50	,537** ,000 50	,276 ,053 50
Duração_relação	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	-,214 ,135 50	1 ,000 50	,517** ,000 50	,739** ,000 50	,037 ,800 50	-,154 ,286 50
Relação	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	-,292* ,040 50	,517** ,000 50	1 ,000 50	,592** ,000 50	-,168 ,243 50	,138 ,339 50
Filhos	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	-,164 ,256 50	,739** ,000 50	,592** ,000 50	1 ,253 50	-,165 ,253 50	-,134 ,353 50
satisfação_sexual	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,537** ,000 50	,037 ,800 50	-,168 ,243 50	-,165 ,253 50	1 ,004 50	,402** ,004 50
Frequência_relações _sexuais_3meses	Correlação de Pearson Sig. (2 extremidades) N	,276 ,053 50	-,154 ,286 50	,138 ,339 50	-,134 ,353 50	,402** ,004 50	1 ,004 50

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Testes de Normalidade

	incompatibilidade	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Estatística	df	Sig.	Estatística	df	Sig.
satisfação_sexual	1	,135	20	,200 [*]	,950	20	,366
	2	,135	30	,175	,900	30	,008

*. Este é um limite inferior da significância verdadeira.

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
satisfação_sexual	1	10	45,40	7,367	2,330
	2	14	44,57	5,945	1,589

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
satisfação_s exual	Variâncias iguais assumidas	,246	,625	,305	22	,763	,829	2,718	-4,808	6,465
	Variâncias iguais não assumidas			,294	16,803	,772	,829	2,820	-5,126	6,783

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
satisfação_sexual	1	10	51,40	5,641	1,784
	2	16	43,88	8,461	2,115

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
	Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença a média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
								Inferior	Superior
satisfação_ sexual	,327	,573	2,480	24	,021	7,525	3,035	1,262	13,788
Variâncias iguais assumidas			2,720	23,832	,012	7,525	2,767	1,812	13,238

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
satisfação_ sexual	1	10	45,40	7,367	2,330
	2	14	44,57	5,945	1,589

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
	Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença a média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
								Inferior	Superior
satisfação_ sexual	,246	,625	,305	22	,763	,829	2,718	-4,808	6,465
Variâncias iguais assumidas			,294	16,803	,772	,829	2,820	-5,126	6,783

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
satisfação_sexual	1	10	51,40	5,641	1,784
	2	16	43,88	8,461	2,115

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
	Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença a média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
								Inferior	Superior
satisfação_sexual	,327	,573	2,480	24	,021	7,525	3,035	1,262	13,788
			2,720	23,832	,012	7,525	2,767	1,812	13,238

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Frequência_relações_sexuais_3meses	1	10	4,20	,919	,291
	2	14	4,07	1,141	,305

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença a média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Frequência_rela ções_sexuais_3 meses	Variâncias iguais assumidas	,001	,982	,294	22	,771	,129	,437	-,778	1,035
	Variâncias iguais não assumidas			,305	21,602	,763	,129	,421	-,746	1,003

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Frequência_relações_sexuais_3 meses	1	10	4,20	,919	,291
	2	16	3,75	1,065	,266

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença a média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Frequência_rel ações_sexuais _3meses	Variâncias iguais assumidas	,003	,957	1,103	24	,281	,450	,408	-,392	1,292
	Variâncias iguais não assumidas			1,142	21,398	,266	,450	,394	-,369	1,269

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Em_que_medida_comunica_ao_1	1	10	3,20	,789	,249
seu_parceiro_os_estímulos	2	14	2,79	,893	,239

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença a média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Em_que_medida_comunica_ao_s	Variâncias iguais assumidas	,847	,367	1,175	22	,253	,414	,353	-,317	1,146
eu_parceiro_os_estímulos	Variâncias iguais não assumidas			1,200	20,892	,243	,414	,345	-,304	1,132

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Em_que_medida_comunica_ao_1	1	10	2,60	,699	,221
seu_parceiro_os_estímulos	2	16	2,56	,892	,223

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Com_que_frequênc	Variâncias iguais assumidas	,209	,652	,166	24	,870	,063	,377	-,715	,840
o_sexual_3meses	Variâncias iguais não assumidas			,158	16,256	,876	,063	,396	-,776	,901

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Com_que_frequência_teve_desejo_sexual_3meses	1	10	4,00	1,054	,333
	2	16	3,94	,854	,213

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Em_que_medida_comunica_ao_s_eu_parceiro_os_estímulos	Variâncias iguais assumidas	1,036	,319	,113	24	,911	,038	,333	-,649	,724
	Variâncias iguais não assumidas			,119	22,596	,906	,038	,314	-,613	,688

Estatísticas de grupo

	incompatibilidade	N	Média	Desvio Padrão	Erro padrão da média
Com_que_frequência_teve_desejo_sexual_3meses	1	10	3,80	,919	,291
	2	14	3,71	,825	,221

Teste de amostras independentes

	Teste de Levene para igualdade de variâncias	teste-t para Igualdade de Médias								
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
									Inferior	Superior
Com_que_frequência_teve_desejo_sexual_3meses	Variâncias iguais assumidas	,016	,901	,239	22	,813	,086	,358	-,657	,828
	Variâncias iguais não assumidas			,235	18,182	,817	,086	,365	-,680	,852

Anexo C - Revisão de literatura

Revisão de literatura

“Sexualidade: tema que poderia parecer uma irrelevância pública: questão absorvente, mas essencialmente privada. (...) Mas, na verdade, o sexo hoje em dia aparece continuamente no domínio público e, além disso, fala a linguagem da revolução” (Giddens, 1992, p. 9). A sexualidade reveste-se de uma importância extrema na vida dos indivíduos e tem sido amplamente abordada na comunidade científica (fazendo uma busca nas mais diversas bases de dados são milhares os artigos que abordam este tema). Mais do que importante, quase que nos é imposta pela sociedade como devendo ser uma vivência plena, rica e, no mínimo, agradável.

Ao longo dos anos, estudiosos tentaram compreender a sexualidade humana e procuraram teorizá-la, criando paradigmas para a mesma: desde os primórdios do estudo dos comportamentos sexuais humanos (Kinsey e os seus estudos, de 1948 com homens e de 1953 com mulheres) e dos primeiros modelos de resposta sexual (Masters e Johnson, com as suas obras de 1966 e 1970), passando pelo momento em que se começa a falar em desejo na resposta sexual (Helen Kaplan em 1977) e da sua natureza (Levine, 1984; citado por Levine 2002) até ao momento actual, em que a falta de desejo sexual é uma das grandes queixas nos consultórios de psicologia clínica e de sexologia. A sexualidade humana, ao contrário da dos animais, prática e previsível, há muito que se reconhece como um emaranhado rico e confuso, no qual os impulsos biológicos, os significados socioculturais, experiências individuais e factores desconhecidos desempenham papéis poderosos (Baumeister, 2000).

Octavio Paz, no seu ensaio “A Dupla Chama” (1995) escreveu que “o fogo original e primordial, a sexualidade, levanta a chama vermelha do erotismo e esta, por sua vez, sustenta outra chama, azul e trémula: a do amor.” (p. 7). O erotismo é um conceito abrangente e subjectivo e que pode ter tremendo impacto na sexualidade, se se conseguir operacionalizar e desenvolver como conceito válido na investigação sobre a sexualidade humana. Para isso, é necessário destrinçar primeiro o que muitos escreveram sobre ele, e procurar dentro dessas definições a que mais se adequa ao universo científico da psicologia e à investigação em sexualidade.

Não falamos aqui de erotismo da forma como os poetas e escritores o descreveram, ou como pintores e artistas o representaram, ou como os psicanalistas o têm abordado ao longo

dos anos, como, por exemplo, Freud e as teorias sobre o corpo erótico, também explicadas por Dejours (2002) através do conceito de subversão libidinal: o corpo erótico é formado através do mecanismo de subversão erótica do corpo biológico, ou seja, do processo de subversão da função pela pulsão.

Giddens (1992) defende que o verdadeiro, o grande erotismo é aquele que é realizado por uma mulher e um homem na relação erótico-amorosa individual. Cada um lhe dá o seu contributo único e insubstituível. O erotismo é o cultivo do sentimento, expresso pela sensação corporal, num contexto comunicativo: a arte de dar e receber prazer. Simone de Beauvoir, no seu trabalho “The Second Sex” (1976) parece estar de acordo com esta teoria, afirmando que o erotismo é um movimento em direcção ao outro e que esse é o seu carácter essencial. Paz (1995) refere que “o encontro erótico começa com a visão do corpo desejado. Vestido ou desnudo, o corpo é uma presença, uma forma que, por um instante, é todas as formas do mundo” (p. 182).

Qualquer que seja a perspectiva sobre o erotismo, este apresenta-se sob a marca da diferença, dramática, violenta, exagerada e misteriosa (Alberoni, 1995).

Carvalho (1997), por outro lado, e numa perspectiva que mais nos interessa neste trabalho, defende que há um conjunto de situações em que, clinicamente, o erotismo assume uma importância especial: “por um lado, consideramos as circunstâncias em que homem e mulher se desentendem devido a diferentes concepções sobre o erotismo; por outro lado, quando as pessoas têm objectos de amor ou desejo desviados ou inapropriados: fantasias que entram em conflito quer com a sociedade, quer com o próprio indivíduo. Um outro conjunto de situações existe, quando os seres humanos são incapazes de elaborar sentimentos e vivências eróticas que os torne receptivos à prática sexual ou que os mobilize para a procura da prática sexual, para a procura do contacto sexual (e do prazer)” (p. 4).

Não existem, até ao momento, artigos científicos que tenham tratado o erotismo como uma variável importante na investigação sobre sexualidade e explorado a forma como esta pode interagir com várias variáveis da sexualidade humana (nomeadamente o desejo sexual e a satisfação sexual). No entanto, os estímulos activadores/desencadeadores do desejo sexual foram abordados de certa forma por alguns investigadores.

De acordo com o Dual Control Model (Bancroft, 1999), a excitação sexual (*sexual arousal*) depende da disposição tanto para a excitação como para a inibição sexual. Este

modelo foi desenvolvido como uma tentativa de sintetizar resultados existentes na área da disfunção sexual masculina, contribuir para essa investigação enfatizando a relevância de explorar diferenças individuais e estimular nova investigação nesta e noutras áreas da resposta e comportamento sexual. Muita da investigação sobre o papel dos processos cognitivos nas disfunções sexuais não se focaram em mecanismos inibitórios mas sim excitatórios (Janssen & Bancroft, 1996), abordando a inibição como “falta de excitação” e desta forma estando a uni-dimensionar a excitação sexual, como algo que é ou não activado. O Dual Control Model enfatiza o papel destes dois processos, sugerindo que no estudo da excitação sexual, é necessário discernir tanto a influência dos processos de inibição sexual como dos processos de excitação sexual.

Tendo como base o Dual Control Model, Graham e colegas (2004) exploraram os activadores e inibidores da excitação (*sexual arousal*) nas mulheres, e, mais tarde, Janssen e colegas (2008) analisaram os factores que influenciam a excitação sexual (*sexual arousal*) nos homens. Além destes, McCall & Meston (2006) exploraram pistas (*cues*) para o desejo sexual e Brotto e colegas (2009) analisaram os activadores do desejo sexual feminino. Não trataram, no entanto, e até ao momento, estes activadores, estas pistas, estes factores influenciadores do desejo sexual como estímulos eróticos.

Muldworf (1972, citado por Carvalheira, 1997) teoriza que o erotismo é o mobilizador do desejo e que este depende do primeiro para se manifestar. Na sua teoria dos sinais, o autor conceptualiza a existência de pontos vazios, uma rede dominada pelo desejo em latência, prontos a serem preenchidos pelo imaginário erótico. Assim, neste trabalho, o erotismo é definido como um activador do desejo sexual, e os estímulos eróticos são definidos como estímulos activadores/desencadeadores do desejo sexual e excitação sexual. O erotismo é capaz de produzir imagens internas, criadoras de próprios estímulos em fantasia, pertencendo ao desejo a capacidade de interpretação desses estímulos (Carvalheira, 1997).

Bancroft (1989, citado por Carvalheira, 1997) conceptualiza o desejo em termos de uma complexa interacção entre processos cognitivos, mecanismos neurofisiológicos e emoções. Segundo Levine (2002), este desempenha um papel central nos conceitos modernos de identidade sexual, função sexual e disfunção sexual.

O desejo sexual tem sido um dos maiores focos dos estudos sobre a sexualidade. Este pode ser definido como a soma das forças que nos inclinam na direcção ou que nos desviam

do comportamento sexual (Levine, 2002) e pode ser analisado em várias perspectivas abaixo expostas.

Por um lado, pode derivar de motivações individuais, ou seja, a busca de oportunidades de actividade sexual ou pode estar associada ao contexto relacional, que sugere que o desejo é um fenómeno gerado por forças externas e focado no parceiro (interpessoal) (Regan & Berscheid, 1999).

Por outro lado, duas das teorias mais influentes sobre o desejo sexual têm sido a do construcionismo social e a essencialista (DeLamater & Hyde, 1998). As teorias construcionistas sociais têm considerado o desejo sexual humano como intensivamente moldado pela cultura e socialização, frequentemente mediado pela linguagem como um princípio de ordem que é compartilhado com outras pessoas. Estas teorias enfatizam a variação multicultural como argumento para a relatividade cultural do desejo sexual. Embora os construcionistas sociais não neguem que possam existir fundamentos biológicos para a sexualidade, defendem a influência cultural e social como os factores decisivos na explicação da sexualidade humana.

As teorias essencialistas, em contrapartida, propõem que há questões da sexualidade definitivas e que permanecem constantes, embora os factores situacionais possam ocasionalmente interferir ou modelar a sua expressão. Como DeLamater and Hyde (1998) enfatizaram, a análise sociobiológica da sexualidade insere-se nesta categoria, explicando a sexualidade em termos de padrões motivacionais inatos que foram evoluindo para atender às contingências reprodutivas de homens e mulheres, de modo a maximizar a transmissão de genes de cada pessoa. Algumas destas teorias tratam ainda a cultura como um sistema adaptado para acomodar os padrões biológicos inatos. De qualquer maneira, nas teorias essencialistas, é a biologia e não a cultura que se caracteriza como a principal fonte das explicações causais.

O desejo sexual refere-se a sentimentos situacionais específicos de excitação sexual, que fazem com que os indivíduos sintam vontade de se envolver em determinados actos com determinados parceiros. O comportamento sexual refere-se ao que a pessoa faz na realidade, como envolver-se em determinados actos sexuais. Por vezes o desejo é incongruente com as atitudes (por exemplo quando uma pessoa quer envolver-se com um parceiro fora do seu alcance). Por fim, o comportamento pode contradizer tanto uma atitude com um desejo, como

quando uma pessoa se reprime de ter relações sexuais muito desejados ou tem relações com uma pessoa considerada proibida (Bausmeister, 2000).

Relativamente aos factores que influenciam a excitação e desejo sexual, foram conduzidos estudos que os avaliam em mulheres (Graham et al., 2004) e homens (Janssen et al., 2008). Tanto homens como mulheres têm dificuldade em separar desejo ou interesse sexual e excitação sexual. Beck, Bozman e Qualtrough (1991) defendem uma correlação significativa entre desejo e excitação sexual, afirmando que podem ser duas facetas do mesmo processo, dentro da resposta sexual.

Graham (2004), por exemplo, percebeu que mulheres mais novas têm mais tendência para atribuir a influência da sua excitação sexual a questões relacionadas com o parceiro, por exemplo, o esforço colocado na preparação de um encontro, a forma de vestir, a personalidade. Por outro lado, temas relacionados com o *self* (por exemplo, humor, estado físico, etc.) foram mais frequentemente mencionados por mulheres mais velhas.

Já Janssen (2008) concluiu que a diversidade entre os homens é muito grande, diferindo na importância que dão a certas questões, como o pénis, as características do parceiro, a necessidade de intimidade ou conexão interpessoal com o parceiro durante a interacção sexual. Vários homens reportam que as variáveis contextuais (por exemplo, *setting* e *timing*) e os factores individuais, como o humor, desempenham um papel importante na excitação sexual, tendo nela vários efeitos. Os resultados deste estudo contrariam a teoria de que as mulheres são sexualmente mais complexas que os homens (Baumeister, 2000) e sugere que os homens e as mulheres partilham um elevado número de factores comuns.

Um resultado que é interessante apontar é o facto de, no estudo de Graham e colegas (2004), as mulheres terem reportado que os sentimentos acerca de si mesmas tinham uma grande influência na sua excitação e desejo sexual, enquanto vários homens no estudo de Janssen e colegas (2008) reportaram que a forma como uma mulher se sentia acerca de si mesma tinha uma influência significativa na excitação e desejo sexual que sentiam por ela.

Outras teorias defendem que homens e mulheres podem não ter necessidade de sentir desejo sexual no início de uma interacção para se envolverem em actividades sexuais. O desejo sexual pode ser experienciado após a excitação, emergindo durante a interacção sexual. Este tipo de desejo foi designado como desejo sexual responsivo. Para além disso, pode não

haver um ciclo de resposta sexual (desejo – excitação – orgasmo) que se adeque a todas as mulheres e homens (Carvalheira, Brotto & Leal, 2010).

Willoughby, Farero & Busby (2014) exploraram os efeitos da discrepância do desejo sexual em casais. Maior discrepância de desejo sexual está geralmente associada com efeitos negativos na relação, como menor satisfação na relação e estabilidade e conflito no casal. Associações negativas entre a discrepância no desejo sexual e comunicação são particularmente mais fortes quando um dos indivíduos do casal reporta maior discrepância entre a frequência sexual desejada e a real. Estes resultados sugerem que uma maior discrepância no desejo sexual individual em indivíduos casados pode enfraquecer o bem-estar na relação.

Um dos factores que pode ter efeito no desejo sexual é a satisfação sexual. Esta tem vindo a tornar-se cada vez mais um elemento essencial de bem-estar individual (Štulhofer, Buško, & Brouillard, 2010), sendo considerada pela Organização Mundial de Saúde uma importante componente da saúde sexual, um direito sexual e um resultado do bem-estar sexual.

Muitos estudos reportaram associação entre satisfação sexual e género, idade, rendimento e religiosidade, bem como vários aspectos sexuais e não sexuais das relações (Štulhofer, Buško, & Brouillard, 2010). A satisfação sexual sido positivamente relacionada com a frequência de actividade sexual, frequência e consistência do orgasmo, nível de intimidade e comunicação entre os parceiros.

Dentro da investigação em casais, muitos autores enfatizaram a interação entre sexualidade, comunicação e conflito no casal. Os problemas sexuais reflectem problemas e conflitos no casal, fortemente relacionados com a insatisfação na relação (Pascoal, Narciso & Pereira, 2014). A satisfação sexual é uma dimensão central no estudo da qualidade da relação, classificada como um barómetro para a qualidade de uma relação (Sprecher & Cate, 2004). Assim, compreender o significado da satisfação sexual no contexto da díade é crucial (Pascoal, Narciso & Pereira, 2014).

A satisfação sexual também parece ser afectada por uma variedade de fenómenos como a ansiedade e evitamento, assertividade e diversos factores culturais (Štulhofer, Buško, & Brouillard, 2010).

Um dos estudos mais recentes (Fallis, Rehman & Purdon, 2014) em satisfação sexual com casais heterossexuais revelou que tanto os homens e mulheres tendem a indicar com

precisão os níveis de satisfação sexual dos seus parceiros, sendo que, por vezes, os homens subestimam os níveis de satisfação sexual das suas parceiras.

Uma das variáveis que parece ter impacto na satisfação sexual é a compatibilidade sexual. A compatibilidade sexual tem sido definida como “quando os membros de uma díade partilham desejos sexuais, comportamentos e gostos” (Purnine & Carey, 1997). Estes autores concluíram que o acordo e compreensão das preferências sexuais dos parceiros estão significativamente relacionadas com o ajustamento sexual e satisfação sexual. Tem sido operacionalizada como a similitude nas componentes emocionais, cognitivas e comportamentais de uma relação sexual (Apt, Hurlbert, Pierce, & White, 1996). A componente emocional é experienciada como um sentimento de compreensão (sexual) por parte do parceiro. A componente cognitiva é composta por similaridades em termos de crenças sexuais, desejos e atitudes.

No entanto, o nível de compatibilidade sexual, ou seja, compatibilidade ou incompatibilidade dos factores que têm impacto na *arousal* foi pouco estudado no que respeita à sua eficácia em predizer a satisfação sexual (Mark, Milhausen & Maitland, 2013), principalmente no casal.

Mark e colegas (2013) distinguem compatibilidade sexual real e a percepção de compatibilidade sexual. A primeira é a medida em que existem similaridades reais entre activadores e inibidores da excitação sexual em cada parceiro. A percepção de compatibilidade sexual é a medida em que os indivíduos acreditam que os parceiros partilham as suas crenças, preferências, necessidades e desejos sexuais. A investigação sugere a compatibilidade sexual está significativamente relacionada com a satisfação sexual e acordo sexual (Purnine & Carey, 1997) e que a satisfação sexual não pode ser atingida quando um parceiro deseja uma actividade que o outro parceiro não gosta (Heino & Ojanlatva, 2000).

Outros investigadores (e.g. Hurlbert, Apt, and Rombough, 1996; Hurlbert, Apt, Hurlbert, and Pierce, 2000) estudaram o efeito da percepção da compatibilidade sexual em mulheres, percebendo que esta está negativamente relacionada com a depressão e o stress e positivamente relacionada com o desejo, motivação sexual e fantasias sexuais (mulheres que sentem maior compatibilidade sexual com os parceiros têm mais motivação para o sexo do que mulheres que se sentem incompatíveis sexualmente com os parceiros).

Alguns estudos referem que as mulheres podem valorizar mais do que os homens a compatibilidade sexual e vê-la como um índice do nível global de intimidade na relação (Hurlbert, Apt, & Rabehl, 1993; Offman & Matheson, 2005).

Embora muitos dos estudos se tenham focado na percepção de compatibilidade sexual e no seu efeito na satisfação sexual, a compatibilidade sexual real parece também ter um impacto importante nestes conceitos. A investigação tem demonstrado que a comunicação sexual é importante para a satisfação e bem-estar sexuais (Byers, 2011), ou seja, indivíduos que mais abertamente expõem as suas preferências ao seu parceiro reportam maior bem-estar sexual.

Giddens (1992) escreveu que “o erotismo é a sexualidade reintegrada numa ampla variedade de propósitos emocionais, entre os quais o mais importante é a comunicação”. Defende assim a importância da comunicação, explicando que “a relação é uma série complexa de interações constantemente negociadas e trabalhadas. Um mundo novo de negociação sexual (...)”.

Esta questão é importante porque os parceiros podem diferir (e muitas vezes diferem realmente) nas suas preferências sexuais (McCarthy & Bodner, 2005; Miller & Byers, 2004). Além disso, o desejo das pessoas está constantemente em mutação. Sendo assim, e dado a importância da comunicação e exposição dos gostos sexuais para o bem-estar sexual, seria importante que esta comunicação estivesse presente nas relações amorosas de compromisso. No entanto, segundo o estudo de MacNeil e Byers (2009) o mesmo não se confirma, verificando-se dificuldades e relutância na comunicação em vários casais.

Podemos concluir que a sexualidade é uma vivência complexa, na qual interagem inúmeros factores e sobre os quais é necessário um conhecimento profundo da forma como afectam o indivíduo. Todos os aspectos sobre os quais temos vindo a discorrer parecem relacionar-se de alguma forma com o erotismo e com inúmeras variáveis relacionais e sexuais. Bataille (1988) defende que “só os homens transformaram a actividade sexual em actividade erótica” (p. 11). Se o erotismo parece ser indispensável à sexualidade humana, é necessário que a investigação se interesse pelo mesmo, tal como se interessa por outros factores da sexualidade, para que logremos decifrar o mistério que o parece caracterizar e possamos transportá-lo para o universo científico.

Referências

- Alberoni, F. (1995). *O Erotismo*. Bertrand Editora, Venda Nova.
- Apt, C., Hurlbert, D.F., Pierce, A.P., & White, C.L. (1996). Relationship satisfaction, sexual characteristics and the psychological well being of women. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 5, 195–210.
- Bataille, G. (1988). *O Erotismo*. Antígona: Lisboa.
- Bancroft, J. (1999). Central inhibition of sexual response in the male: A theoretical perspective. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, 23, 763-784.
- Baumeister, R. F. (2000). Gender differences in erotic plasticity: the female sex drive as socially flexible and responsive. *Psychological bulletin*, 126(3), 347.
- Beauvoir, S. (1952). *The Second Sex*. New York: Knopf.
- Beck, J. G., Bozman, A.W., & Qualtrough, T. (1991). The experience of sexual desire: Psychological correlates in a college sample. *Journal of Sex Research*, 28, 443–456.
- Brotto, L., Heiman, J., & Tolman, D. (2009). Narratives of Desire in Mid-Age Women with and Without Arousal Difficulties. *Journal of Sex Research*, 46, 1-12.
- Byers, E. S. (2011). Beyond the birds and the bees and was it good for you?: Thirty years of research on sexual communication. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 52(1), 20.
- Carvalheira, A. (1997). *O outro lado da lua: Algumas reflexões sobre o erotismo* [Monografia]. Coimbra.
- Carvalheira, A. A., Brotto, L. A., & Leal, I. (2010). Women's motivations for sex: Exploring the diagnostic and statistical manual, text revision criteria for hypoactive sexual desire and female sexual arousal disorders. *The journal of sexual medicine*, 7(4pt1), 1454-1463.

- Dejours, C. (2002). Le corps, comme exigence de travail pour la pensée. In Debray, R., et al. (Eds.), *Psychopathologie de l'expérience du corps* (63-106). Paris : Dunod.
- DeLamater, J. D., & Hyde, J. S. (1998). Essentialism vs. social constructionism in the study of human sexuality. *Journal of Sex Research*, 35, 10-18.
- Fallis, E., Rehman, U., & C., Purdon (2014). Perceptions of partner sexual satisfaction in heterosexual committed relationships. *Archives of Sexual Behavior*, 43, 541-550.
- Giddens, A. (1992). A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Graham, C. A., Sanders, S. A., Milhausen, R. R., & McBride, K. R. (2004). Turning on and turning off: A focus group study of the factors that affect women's sexual arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 33(6), 527-538.
- Heino, J., & Ojanlatva, A. (2000). Healthy reciprocity in sexual interaction. *Patient Education and Counseling*, 39, 169–175.
- Hurlbert, D.F., Apt, C., Hurlbert, M.K., & Pierce, A.P. (2000). Sexual compatibility and the sexual desire–motivation relation in females with hypoactive sexual desire disorder. *Behavior Modification*, 24, 325–347.
- Hurlbert, D.F., Apt, C., & Rabehl, S.M. (1993). Key variables to understanding female sexual satisfaction: An examination of women in non-distressed marriages. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 19, 154–165.
- Hurlbert, D.F., Apt, C., & Rombough, S. (1996). The female experience of sexual desire as a function of sexual compatibility in an intimate relationship. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 5, 7–14.
- Janssen, E., & Bancroft, J. (1996). Dual control of sexual response: The relevance of central inhibition. In R. C. Schiavi (symposium chair), *New research on male sexual dysfunction*. Presented at 22nd Conference of the International Academy of Sex Research (IASR), Rotterdam, The Netherlands.
- Janssen, E., McBride, K. R., Yarber, W., Hill, B. J., & Butler, S. M. (2008). Factors that influence sexual arousal in men: A focus group study. *Archives of Sexual Behavior*, 37(2), 252-265.

- Levine, S. (2002). Re-exploring the concept of sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28, 39–51.
- McCall, K., & Meston, C. (2006). Cues resulting in desire for sexual activity in women. *The journal of sexual medicine*, 3(5), 838.
- McCarthy, B. W., & Bodner, L. E. (2005). The equity model of sexuality: Navigating and negotiating the similarities and differences between men and women in sexual behaviour, roles and values. *Sexuality and Relationship Therapy*, 20, 225–235. doi:10.1080/14681990500113229
- MacNeil, S., & Byers, E. S. (2009). Role of sexual self-disclosure in the sexual satisfaction of long-term heterosexual couples. *Journal of Sex Research*, 46, 1–12. doi:10.1080/00224490802398399
- Mark, K., Milhausen, R., & Maitland, S. (2013). The impact of sexual compatibility on sexual and relationship satisfaction in a sample of young adult heterosexual couples. *Sexual and Relationship Therapy*, DOI:10.1080/14681994.2013.807336.
- Miller, S. A., & Byers, E. S. (2004). Actual and desired duration of foreplay and intercourse: Discordance and misperceptions within heterosexual couples. *Journal of Sex Research*, 41, 301–309.
- Offman, A., & Matheson, K. (2005). Sexual compatibility and sexual functioning in intimate relationships. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 14, 31–39
- Paz, O. (1995). *A chama dupla – amor e erotismo*. Assírio & Alvim: Lisboa.
- Pascoal, P. M., Narciso, I. D. S. B., & Pereira, N. M. (2014). What is Sexual Satisfaction? Thematic Analysis of Lay People's Definitions. *Journal of sex research*, 51(1), 22-30.
- Purnine, D.M. & Carey, M.P. (1997). Interpersonal communication and sexual adjustment: The roles of understanding and agreement. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 65,1017–1025.
- Regan, P., & Berscheid, E. (1999). *Lust: What we know about human sexual desire*. London: Sage.

- Sprecher, S., & Cate, R. (2004). Sexual satisfaction and sexual expression as predictors of relationship satisfaction and stability. In J. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *Handbook of sexuality in close relationships* (pp. 235-256). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Štulhofer, A., Buško, V., & Brouillard, P. (2010). Development and bicultural validation of the new sexual satisfaction scale. *Journal of Sex Research*, 47(4), 257–268.
- Willoughby, B. J., Farero, A. M., & Busby, D. M. (2014). Exploring the effects of sexual desire discrepancy among married couples. *Archives of sexual behavior*, 43(3), 551-562.